

ENTREVISTA

José Cardoso Pires

As recordações do mundo dos mortos

O português José Cardoso Pires relata em 'Valsa lenta — De profundis' o drama provocado por um coágulo cerebral

Aos 72 anos, o escritor português José Cardoso Pires está produzindo como nunca. Em janeiro de 95, porém, ele passou 14 dias hospitalizado por causa de um coágulo cerebral e chegou a ser declarado clinicamente morto. Mas a literatura deu uma rasteira na medicina, e Pires inexplica-

velmente se curou. Novas idéias brotaram, e ele voltou a escrever. Em "Valsa lenta — De profundis" (editora Bertrand Brasil), Pires relata a dolorosa experiência que o transformou num sujeito na terceira pessoa ("O meu eu passou a ser ele"). No ano passado, três novos livros do

autor de "Alexandra Alpha" e "Balada da praia dos cães" desembarcaram nas prateleiras, e ele ganhou os US\$150 mil do Prêmio Pessoa. Rodeado por desenhos de Portinari e óleos de Carlos Scliar, Pires falou nesta entrevista exclusiva sobre "Valsa lenta — De profundis".

Monica Torres Maia

Correspondente • LISBOA

O GLOBO: "Valsa lenta — De profundis" vendeu cem mil exemplares em Portugal, onde as tiragens dificilmente ultrapassam os cinco mil. Os mistérios da morte e o retorno à vida atraem leitores?

JOSÉ CARDOSO PIRES: Tenho encontrado gente na rua que se dirige a mim, algumas perfeitamente incríveis. Uma vez eu estava com a minha mulher num restaurante, e levantou-se uma senhora muito sofisticada, aí dos seus 50 anos, para me dizer que tinha lido o meu livro e me perguntar se eu era ateu. Na mesa dela, as pessoas me olhavam com cara de nojo, de desprezo. "Deus o salvou e ele não reconhece", deveriam dizer. Na Feira do Livro, encontrei uma mulher espírita, dos seus 30 anos, bem vestida, mas profundamente analfabeta, que me perguntava: "O senhor não teve sinais da intervenção de Deus?" Eu dizia: "Não tive nada". E ela insistia: "Teve, teve". Tudo o que eu dizia ela traduzia ao contrário. Uma coisa impressionante, um diálogo de surdos. Mas o engraçado é a quantidade de pessoas da classe média que não são analfabetas, mas querem saber como é lá do outro lado, porque pensam que eu estive do outro lado. Olham para mim como uma pessoa que é um caso estranho, um dinossauro.

• Agora, então, nenhuma sombra da morte o assusta mais?
PIRES: Um dia qualquer, escorrego e morro. Assim, simplesmente. Na semana que vem ou nos próximos 50 anos. Mas não penso mais sobre isso.

• No prefácio de "Valsa lenta", o neurologista João Lobo Antunes diz que não foi a medicina que curou o senhor, mas o seu otimismo e os músculos do cérebro, exercitados pela literatura. Lobo Antunes também diz que a área do cérebro afetada não comprometeria a memória, mas a sua se apagou naqueles dias.

PIRES: Não sei explicar como me salvei. Mas quando alguém morre, a tragédia é para os outros, porque o indivíduo está morto. Já a perda da memória foi fundamental para atravessar a doença. Depois que saí do hospital, piorou muito a minha habitual má memória para nomes. Só mantive a boa memória visual.

• Antes, o senhor já estivera muito perto da morte, ao sofrer um sério acidente de carro...

PIRES: Depois disso, nunca mais dirigi. Tinha estado até as três da madrugada com o escritor Antonio Tabucchi e o ator Marcelo Mastroianni, e bebemos de tal maneira que o dono do restaurante chamou um táxi. Tabucchi e Mastroianni foram de táxi, mas eu embirrei e quis ir de carro. Acabei internado num hospital.

• No livro o senhor escreve que, quando teve um lampejo de memória durante a doença, achou que poderia estar ficando louco.

PIRES: Só me lembrava de coisas muito vagas. Para mim, as pessoas eram esquisitas, tinham a cara toldada por uma espécie de nuvem, como se estivessem envolvidas numa luz branca...

• A mesma sensação dos cegos de Saramago?

PIRES: Não, era como uma luz muito forte, mas elas não tinham luz, o que elas não tinham eram sombras. Eram brancas, mas sem sombras. Eu tinha a vaga sensação de que a única pessoa inteira e humana era eu. Sentia um desinteresse total por aquelas pessoas todas, não era capaz de dizer se tinham cara, ou como eram as suas caras. Aquele mundo que parece enorme no livro era muito pequeno. O corredor do hospital tinha 50 metros, mas parecia muito maior. De um lado havia três enfermarias, depois dois quartos como aquele em que eu estava, e do outro lado havia mais três enfermarias e dois quartos particulares. Felizmente, quando cheguei não havia quartos particulares, então fiquei junto daqueles dois indivíduos espantosos que descrevo no livro.

• Eles não foram romanceados? O empreiteiro Ramires e o comerciante Martinho parecem personagens de ficção...

PIRES: Apenas os nomes foram mascarados. O empreiteiro Ramires na verdade se chamava Delfim. Era um homem muito engraçado e me reconheceu assim que entrei no quarto, porque, mesmo sem ter o hábito da leitura, comprou meu livro "O delfim" por causa da coincidência de nomes. Ele chorou em silêncio quando, no dia em que deixei o hospital, o Martinho estava sendo operado. Fiquei comovido. Delfim foi operado depois, sobreviveu e deu

uma festa enorme para comemorar. Ele ficou ofendido porque não fui, mas naquela altura queria ficar longe daquelas recordações.

• O senhor também foi operado?

PIRES: Eu não conhecia o João Lobo Antunes. Foi o irmão dele, o escritor Antônio Lobo Antunes, que, quando soube, lhe telefonou da Holanda e pediu para ir me ver. Ele diagnosticou que eu estava muito mal, porque um coágulo subira pela aorta acima, até se instalar naquilo que chamam de zona nobre do cérebro. O coágulo aumentava, e já estava com o dobro do diâmetro original.

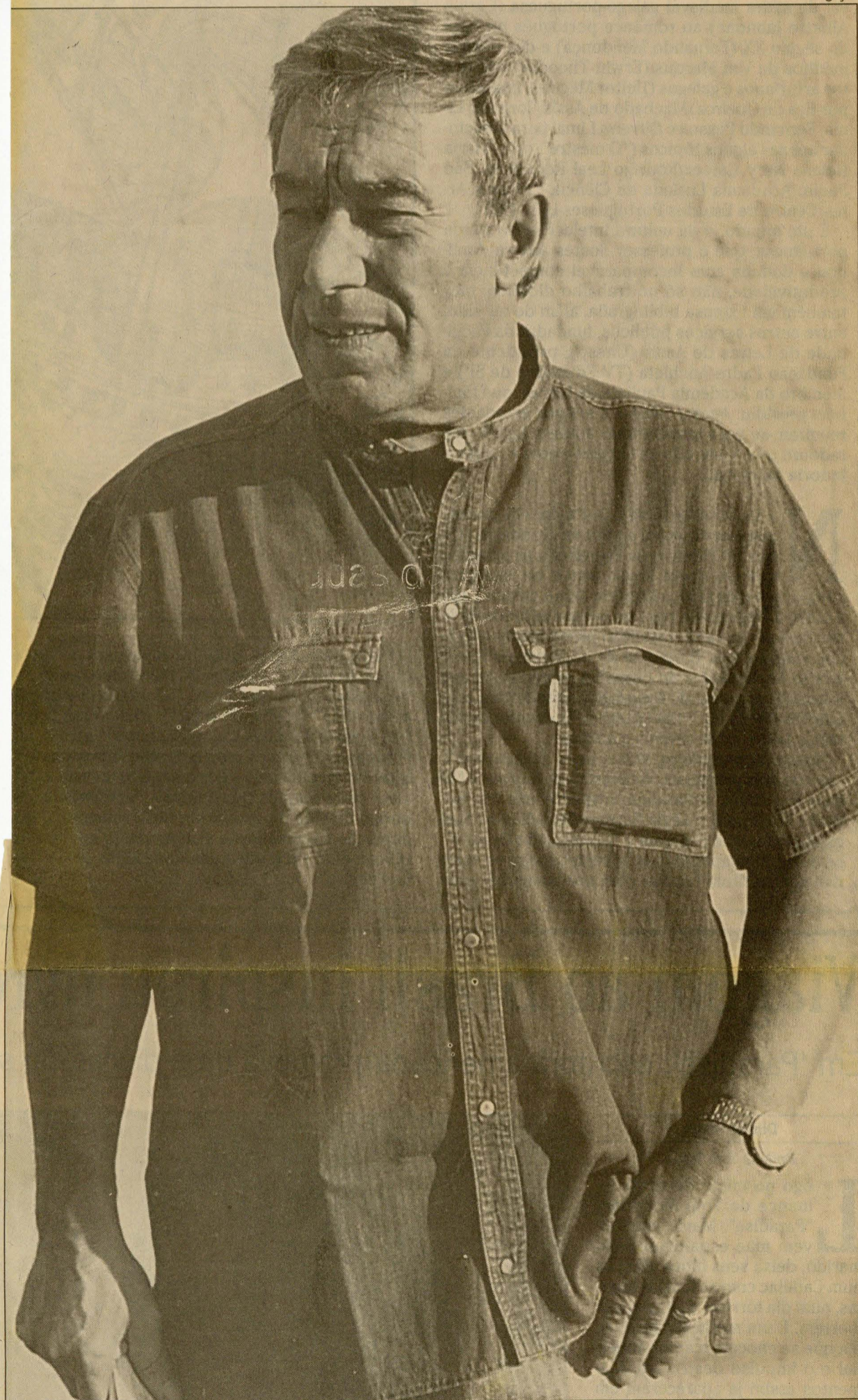
• No livro — e neste momento — o senhor demonstra um certo desconforto, uma ponta de irritação ao falar sobre isso...

PIRES: As coisas da medicina me irritam, só estou falando com você por causa da literatura. Eu tinha que inocular um soro para tentar desfazer o coágulo e evitar a operação, na qual teria apenas 33% de chances de sobreviver. Descobri que a aspirina foi a melhor coisa que se descobriu no mundo. A aspirina era a base do soro que me salvou. O Lobo Antunes chegou a marcar a operação para a meia-noite porque viu que a situação, 13 dias depois da internação, chegara ao ponto crítico. Saí para jantar e, antes de retornar ao hospital, recebeu um telefonema urgente. Era o outro médico, Castro Caldas, dizendo que, milagrosamente, o coágulo estava escorrendo. No dia seguinte, às 7h, eu estava bom. Nitidamente, por um acaso. Assim que saí do hospital voltei a beber, mas parei de fumar.

• Você já morou no Rio. Sente saudade?

PIRES: Eu morava na Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. Bruno Giorgio também morava ali. Conheci o Rubem Braga, muita gente. Aquilo era uma maravilha. Mas o Rio já não é a mesma coisa. Para mim, quem tira a noite tira tudo, e no Rio é um crime não gozar a noite. No tempo do Kubitschek eu ficava ali nas transversais da Atlântica. Já tinham fechado os bares, mas deixavam as mesas e as cadeiras do lado de fora. Eu, Cacá Diegues, Nara Leão e Chico Buarque, gente espantosa, ficávamos ali, indo buscar cerveja no Fred's até nascer o dia. Não se pode mais fazer isso. ■

Divulgação



CARDOSO PIRES: "O engraçado é a quantidade de pessoas da classe média que querem saber como é o outro lado"